



Pedagogy and Theatre of the Oppressed Journal

Vol. 7, Número 1 (2023)

Resenha de *Scripting violence, rehearsing change – Games and theatrical tools to work with perpetrators of gender-based violence*¹

Birgit Fritz²

Tradução de Patricia Freitas dos Santos³

A Rede Europeia para o Trabalho com Agressores Domésticos (WWPEN) foi fundada em 2014, e conta com mais de 60 membros, incluindo “programas para agressores, pesquisadores, bem como serviços de apoio à vítima” em mais de 30 países europeus. Com a publicação em 2021 deste importante manual, Olivier Malcor acrescentou uma contribuição a toda nossa luta contra crenças nocivas e internalizadas presentes nas sociedades moldadas pelo patriarcado. Essas crenças internalizadas são a base da violência de gênero e, muitas vezes, parecem invisíveis, ao mesmo tempo que são amplamente consideradas como “fatos” acerca da superioridade masculina.

Se, como sociedade, pudermos encontrar maneiras de trabalhar com os agressores em uma perspectiva humana, em vez de apenas 'lutar contra o inimigo' - como ainda acontece em

¹ Por Olivier Malcor, publicado em 2021 pela European Network for the Work with Perpetrators of Domestic Violence, Berlim.

² Dra. Birgit Fritz é co-fundadora da TO-Viena (TdU-Wien/2002), pedagoga teatral e dramaturga residente na Áustria. Tradutora da autobiografia de Augusto Boal e do livro de Sanjoy Ganguly “Jana Sanskriti - Fórum teatro e democracia na Índia” para o alemão, Fritz é autora de “InExActArt - The Autopoietic Theatre of Augusto Boal - A Handbook of Theatre of the Oppressed Practice”, de 2013; e “The Courage to Become - Augusto Boal’s Revolutionary Politics of the Body”, de 2017.

³ Patricia Freitas dos Santos é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês da Universidade de São Paulo, membro do corpo editorial da revista argentino-brasileira *Teatro Situado* e coordenadora do Grupo de Estudos em Teatro Político (GETEPOL). E-mail: pfreitassantos@yahoo.com.br

muitos lugares hoje - uma profunda mudança de cultura deixará de ser um mero horizonte e se tornará uma meta realista. O trabalho teatral pode ser visto como uma jornada da luta para a ludicidade, que é inspiradora de esperança, pois toca a vulnerabilidade humana inata, a capacidade de experimentar a sensibilidade vivida e – no final – a capacidade de (auto)perdão, que permite cura e continuação da vida em toda a sua riqueza. As ferramentas teatrais descritas no manual de Malcor oferecem a qualquer processo um sentido e uma cultura de mudança de papéis; e com isso vem uma mudança de perspectiva, que permite maior empatia.

Em sua introdução ao manual de Malcor, a diretora executiva da WWPEN, Alessandra Pauncz, escreve que a experiência coletiva incorporada e o conhecimento obtido dela são poderosos, porque a experiência somática imediata é uma das maneiras mais diretas de fazer conexões entre a história de nossas próprias vidas e as experiências de muitas outras pessoas, criando assim novas relações que podem, por sua vez, ser consideradas centrais ao trabalho de teatro emancipatório.

Malcor reconhece no início de seu texto que o teatro não pode substituir os programas para agressores. No entanto, pode servir como um forte suporte para tais programas e seus principais tópicos, conforme definidos pelos profissionais entrevistados pela WWPEN, em junho de 2021. Entre eles, encontramos as questões de combate à negação, narcisismo, transferência de culpa, privilégio masculino, masculinidade e à falta de empatia, bem como esforços para suscitar a capacidade de impactar-se com as emoções e vulnerabilidade tanto dos outros, quanto de si mesmo.

O manual de Malcor é baseado em quatro princípios:

Primeiro: jogos e teatro podem espelhar interações sociais. Dessa forma, o manual segue os princípios de Paulo Freire, que afirma que todo conhecimento está com e nas pessoas. Ninguém sabe nada, e ninguém sabe tudo. Os jogos abrem caminho para o conhecimento de um

coletivo e assim um coletivo pode abordar, refletir e analisar sua história. A parte do facilitador é também de dar e receber, aprendendo e, a um só tempo, compartilhando conhecimento.

Segundo: jogos e teatro são uma forma corporificada de vivenciar questões de poder. Ao mostrar detalhes que as palavras não revelariam, as contradições se tornam visíveis e não podem mais ser negadas. Gênero é uma construção social de poder, e o teatro pode nos ajudar a desconstruir padrões de comportamento adquiridos muito cedo no desenvolvimento humano, incluindo a noção de inferioridade de meninas e mulheres, e de superioridade dos homens sobre elas. O teatro tem a capacidade de dismantelar e expor essas crenças adotadas desde cedo e expor seus efeitos nocivos.

Terceiro: Jogos e teatro podem ser usados para desaprender a violência. A violência é um comportamento aprendido e são necessárias experiências multissensoriais para aprender, desaprender e reaprender. O teatro nos permite experimentar diferentes papéis, mudar de perspectiva, analisar nossas atitudes e comportamentos e reaprender com todos os nossos sentidos.

Quarto: jogos e teatro podem ser usados para ensaiar mudanças coletivas, repensar ideias, desafiar poder e privilégio e re-escrever roteiros de gênero com colegas.

Malcor explica esses princípios como base para o desenvolvimento de trabalhos teatrais nessa área e, a seguir, dá dicas de como fazer com que as pessoas se interessem pelos jogos e pelo teatro como laboratório de exploração, como iniciar esse trabalho com um grupo que não está familiarizado com práticas de corporeidade, como validar as entradas dos participantes e dicas sobre o vocabulário apropriado para usar durante este trabalho. Dicas adicionais incluem opções de treinamento, atividades de ensaio para usar com os colegas e a recomendação de ir do simples ao complexo, com tudo direcionado para a análise vinda dos participantes e apoiando suas próprias reflexões.

O manual fornece exemplos de atividades, começando com as mais simples e progredindo para atividades mais aprofundadas, incluindo opções e variações relevantes para o trabalho do perpetrador. Também oferece pontos de conexão com outros jogos e exercícios. A segunda metade do manual é composta de dramatizações e sugestões de Teatro Fórum, bem como exemplos de como apresentá-las aos participantes.

Existem roteiros de cenas como *Your partner's sister is with a perpetrator*⁴ e *She has been seen hugging another man*⁵, que mergulham diretamente nas questões de poder mencionadas acima. São cenários familiares a muitos, de modo que não é difícil encená-los e buscar intervenções, mesmo com grupos sem experiência com o trabalho teatral.

Atividades avançadas, como *Stage a situation where an emotion was not handled well*, oferecem um terreno mais exploratório aos participantes, convidando-os a uma introspecção mais profunda.

No final do manual, o exercício *You go to school to tell students about gender-based violence* leva a uma integração e reflexão sobre a própria história, redimensionando a própria experiência e transformando-a em um recurso para lidar melhor com passados muitas vezes dolorosos e difíceis, bem como para fornecer bases ao aprendizado da comunidade em geral.

O autor fornece aos leitores as fontes dos jogos e exercícios sobre os quais escreve. Esta prática apoia a exploração adicional dos leitores no trabalho de outros praticantes. O manual termina com referências relevantes a livros e estudos.

Os jogos e exercícios apresentados neste manual são todos explicados detalhadamente, mencionando os desafios que podem ser encontrados ao usá-los, e também oferece um amplo leque de questões para reflexão. Ele oferece variações e opções alternativas e enumera possíveis

⁴ A irmã de seu companheiro está com um agressor. (Nota do tradutor)

⁵ Ela foi vista abraçada com outro homem. (Nota do tradutor)

resultados e objetivos. Isso torna o manual acessível e aplicável para profissionais com diferentes graus de experiência.

É um recurso útil para todos os profissionais que trabalham com grupos e, é claro, especialmente com agressores. A definição de oprimido por Freire é que os oprimidos são todos aqueles que internalizaram as estruturas de poder e as contradições de um mundo injusto. Levando isso em consideração e reconhecendo que as estruturas de poder que sofremos muitas vezes permanecem vivas em nós e são por nós perpetuadas, o Teatro do Oprimido é necessariamente um Teatro do Opressor. O Teatro do Oprimido, segundo o próprio Boal, pode ser uma “arte marcial” (ver: Boal 2003), uma disciplina, na qual analisamos, refletimos, aprendemos, desaprendemos e reaprendemos, buscando uma “humanização da humanidade” (ver: Declaração de princípios de TO, por exemplo, em Fritz 2017: 86ff.).

O trabalho de Olivier Malcor e da organização WWPEN encoraja-nos a continuar a dismantelar estruturas de poder opressivas em qualquer contexto, pois o mundo que enfrentamos diariamente prova a sua necessidade urgente. Em festivais de teatro em todos os continentes, vemos muitas peças de Teatro Fórum sobre violência de gênero e entendemos o patriarcado como uma questão global. Muitas vezes as intervenções apontam que é preciso trabalhar com agressores, mas não é uma prática que tem ganhado muita visibilidade. Enfrentar a violência de gênero precisa ser feito de todos os ângulos, e o manual de Malcor incentiva tanto profissionais experientes quanto aqueles que podem não ter muita experiência nessa área prática.

Uma coisa que falta no manual são as vozes reais dos participantes. Suas reações e pensamentos sobre esse trabalho e como ele impactou suas vidas seriam uma contribuição importante para o manual, que talvez pudesse ser transformado em livro.

Informações sobre Olivier Malcor:

Há mais de 20 anos Olivier Malcor busca ferramentas criativas que permitam a qualquer pessoa trabalhar a violência de gênero de forma lúdica e coletiva. Após uma tese de filosofia sobre o teatro invisível nas relações humanas e anos de estudo e prática do Teatro do Oprimido na América Latina e na África, ele atua nos subúrbios franceses e italianos tentando dismantelar a cultura da violência com homens e meninos. Há dez anos, ele trabalha com agressores de violência de gênero em liberdade condicional ou encarcerados.

Referências bibliográficas:

Boal, Augusto (2003): *O teatro como arte marcial*. Rio de Janeiro: Garamond.

Fritz, Birgit (2017): *The Courage to Become: Augusto Boal's Revolutionary Politics of the Body*.

Wien: danzig & unfried.

Malcor, Olivier (2021): „Scripting violence, rehearsing change – Games and theatrical tools to work with perpetrators of gender-based violence” Berlin: European Network for the work with Perpetrators of domestic violence.

https://www.workwithperpetrators.eu/fileadmin/WWP_Network/redakteure/Training/Games_Theatrical_Tools_Manual.pdf)

WWP EN Website (accessed 2023): <https://www.work-with-perpetrators.eu/>